

Empresários: ajuste amargo e necessário

Firjan prevê algum crescimento a partir do segundo semestre do próximo ano

Zeca Fonseca/7-7-97

• RIO, SÃO PAULO e PORTO ALEGRE. Amargas, mas inadiáveis, está foi a avaliação dos empresários depois de saber das medidas de ajuste fiscal anunciadas ontem. Eduardo Eugênio Gouveia Vieira, presidente da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan), mais otimista, acredita que, se houver sinais de que a aprovação das reformas não enfrentará barreiras no Congresso, os juros podem começar a cair ainda este ano. Para ele, a economia voltará a crescer já no segundo semestre:

— Nós já estamos vivendo uma recessão. Não acredito em crescimento negativo. Essas medidas não são apenas um pacote, é uma reorganização do estado. É um remédio amargo para voltarmos a crescer, talvez zero ou perto de zero, mas cresceremos.

Gouveia Vieira afirma que não é o momento de discutir se as reformas deveriam ter sido feitas antes, o importante, para o presidente da Firjan, é aprovar o mais rápido possível as reformas tributária e da previdência:

Cortes não resolverão totalmente o déficit público

O presidente do Grupo Siderúrgico Gerdau, Jorge Gerdau Johannpeter, disse o caminho para o ajuste fiscal está correto, mas o tipo de imposto está errado, por aumentar a carga tributária e seu efeito em cascata:

— As medidas estão alinhadas, dentro da visão do controle do déficit fiscal. Se são suficientes ou não, o mercado vai avaliar. Preocupa o aumento da carga tributária e o efeito em cascata, porque isso reduz a competitividade do produtor nacional. Se as taxas de juros caírem pode haver demanda de compra a prazo, geração de emprego e investimento. Sem as reformas, com a permanência do quadro atual a situação pode piorar.

Para o presidente do Banco FonteCindam, Luiz Antonio Gonçalves, o programa não deverá resolver o problema do déficit público, mas funcionar como um freio para os gastos, dando tempo ao Governo de fazer as mudanças estruturais no setor público.



GOUVEIA VIEIRA: se o Congresso sinalizar a favor das reformas, juros baixam

Segundo ele, as medidas adotadas pelo Governo desta vez deverão surtir efeito diferente do pacote, lançado no ano passado em resposta à crise da Ásia. Gonçalves lembrou que, desta vez, como o ajuste deverá contar com o apoio do Fundo Monetário Internacional (FMI).

Deflação deverá se aprofundar com as medidas

As medidas de ajuste fiscal deverão aprofundar a deflação do Índice de Preços ao Consumidor (IPC) medido pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe). O efeito recessivo deverá ser predominante na inflação, segundo o economista da Fipe, Heron do Carmo. Ele mantém a previsão de deflação de 0,5% para este ano. Segundo Heron do Carmo é difícil avaliar o efeito que o aumento de impostos terá na inflação porque o impacto é diferenciado nos diversos setores da economia.

Na terceira quadrissemana de outubro, o IPC voltou a registrar

deflação. No período de 23 de setembro a 23 de outubro, os preços tiveram queda de 0,19% no município de São Paulo. Desde agosto, quando foi apontada a maior queda, de 1%, o IPC da Fipe vem mostrando deflação cada vez menor a cada quadrissemana, o que leva o presidente da Fipe, Juarez Rizzieri, a prever que a inflação termine o mês muito próxima de zero, podendo registrar uma leve variação negativa.

Pesquisa da Andima mostra descrédito com o ajuste

Em uma pesquisa feita pela Associação Nacional das Instituições de Mercado Aberto (Andima), com 614 participantes do 19º Congresso Brasileiro de Fundos de Pensão, em Florianópolis, verificou que 87% dos entrevistados não acreditam que o ajuste fiscal será suficiente para equilibrar as contas públicas. Apenas 13% responderam o inverso. Segundo a pesquisa, 64% acreditam que haverá mudanças na política cambial brasileira. ■